

Rafael dos Santos Aquino
Universidade de São Paulo



Formado em Administração de Empresas pela Universidade de São Paulo. Na mesma instituição cursa atualmente a graduação em História e defendeu sua dissertação de mestrado, em que investigou a influência da cidade nos vínculos no trabalho de servidores públicos.

CV: <http://lattes.cnpq.br/1817353713555541>

E-MAIL: rafael.aquino@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1961-6932>

Apego ao lugar: panorama de pesquisa e papel na Psicologia Social

RESUMO: O presente artigo busca apresentar o conceito de apego ao lugar como um vínculo afetivo que o indivíduo forma com seus espaços relevantes de forma a sintetizar os principais avanços de sua pesquisa. Assim, baseado no trabalho de Giuliani (2003), traça-se a relação que este vínculo tem com o conceito de apego segundo o entendimento de John Bowlby. Adicionado a isso, em um contexto de grande diversidade de conceitos e definições que concorrem para explicar a laço firmado entre pessoa e lugar, o artigo apresenta também o modelo integrador de apego ao lugar proposto por Scannell e Gifford (2010) que, explora e concilia as diferentes abordagens pelas quais o conceito de apego ao lugar é tratado na literatura.

PALAVRAS-CHAVE: APEGO AO LUGAR; PSICOLOGIA AMBIENTAL; VÍNCULO AFETIVO

Place attachment: research landscape and its role in the Environmental Psychology

ABSTRACT: The present article seeks to introduce the concept of place attachment as an affective bond that the individual forms with his relevant spaces in order to synthesise the main advances in the research on the concept. Thus, based on Giuliani's (2003) work, we trace the link between this bond and the concept of attachment according to John Bowlby. Added to that, in a context of great diversity of concepts and definitions that compete to explain between place and person, the article presents also the place attachment integrative model proposed by Scannell and Gifford (2010) that explores and reconcile different approaches by which the bond is analysed in the literature.

KEYWORDS: PLACE ATTACHMENT;
ENVIROMENTAL PSYCHOLOGY;
AFFECTIVE BOND

Apego ao lugar: panorama de pesquisa e papel na Psicologia Social

Rafael dos Santos Aquino
Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

É natural do homem desenvolver vínculos afetivos com diferentes objetos e pessoas que circundam sua vida e este mundo de sentimentos, humores e emoções criados a partir dessa teia de vínculos que formados, como afirma Giuliani (2003), não apenas permeia a vida diária de cada indivíduo como também aparece em representações, idealizações e expressões da vida. A autora acrescenta ainda que a relação desenvolvida com lugares não é diferente. A afetividade permeia a relação que se estabelece com um local de tal forma a lhe garantir um poder de qualificar a existência não somente do indivíduo, como de todo grupo a que ele pertence. Todo sentimento de afinidade mútua, comunidade e fraternidade entre as pessoas, sejam as relações formais ou informais, institucionalizadas ou não, tem como palco um lugar, um espaço, mesmo que este seja virtual. Isso tem implicações profundas, dado que os

sentimentos evocados por determinados lugares, assim como as comunidades que ao mesmo tempo definem e são definidas pelos lugares, têm a capacidade de influenciar a construção de identidades, de preencher a vida de significados e enriquecê-la com valores, objetivos e importância (Giuliani, 2003).

Ciente disso, reconhece-se que o apego ao lugar, o vínculo formado entre a pessoa, ou grupo, e ambientes e lugares significativos (Scannell & Gifford, 2010), é uma necessidade humana fundamental (Relph, 1976). Porém, esta é uma necessidade que a sociedade se torna cada vez mais incapaz de satisfazer, uma vez que o vínculo entre pessoa e lugar vem se tornando mais frágil. Isso decorre de um processo gradual decorrente da globalização que tende a tornar os espaços cada vez mais uniformes, a mobilidade cada vez mais fácil e, conseqüentemente, as relações estabelecidas com os espaços pautadas puramente por seu aspecto funcional (Relph, 1976; Sanders, Bowie & Bowie, 2003; Sennett, 2000). Desta forma, o conceito de apego ao lugar, vem ganhando atenção nas últimas décadas (Giuliani, 2003; Low & Altman, 1992; Scannell & Gifford, 2010).

Há diferentes formas pelas quais um indivíduo pode se apegar a um lugar (Scannell & Gifford, 2010). O apego pode decorrer de memórias e experiências vividas em um espaço, o vínculo ao lugar pode ser uma extensão do apego às pessoas que costumam estar lá ou o próprio local pode ter características que atraiam o indivíduo. Porém, em geral, o apego ao lugar se dá por uma confluência de fatores e não pode ser explicada por uma relação causal única.

Assim, o apego ao lugar se apresenta como um fator de importante influência no bem estar material e espiritual do ser humano. E ainda que não se tenha definido e explicitado todas as nuances do conceito, compreende-se que o vínculo afetivo com o lugar de fato existe e que há indícios de que sua natureza é diferente de outros sistemas afetivos,

como aqueles direcionados a pessoas, objetos e ideias, (Giuliani, 2003).

Finalmente, é possível verificar que o conceito de apego ao lugar tem um papel fundamental para a Psicologia Social e que, embora o laço com o ambiente apresente uma relevância por si mesmo, ele traz implicações para questões de natureza prática associada a preservação e manutenção dos espaços (Gifford, 2014). Com isso, o objetivo deste trabalho é explorar o conceito de apego ao lugar, baseado principalmente nos trabalhos de Giuliani (2003) e de Scannell e Gifford (2010), de modo a apresentar a relação do apego ao lugar com as teorias gerais sobre apego (Bowlby, 1980) e uma sistematização das diferentes definições do conceito em um modelo único e tridimensional (Scannell & Gifford, 2010).

DO APEGO INTERPESSOAL AO APEGO AO LUGAR

Para melhor compreender o apego ao lugar, Giuliani (2003) propõe uma reflexão a respeito do conceito que tem como base as teorias de apego interpessoal propostas por sobretudo por Bowlby (1969, 1980, 1988). Este modelo de apego interpessoal com que Giuliani (2003) compara as teorias de apego ao lugar, tiveram início com as primeiras observações realizadas por John Bowlby a respeito dos efeitos da privação materna em crianças e que hoje compõe um volume de pesquisas empíricas e teóricas acumuladas durante décadas.

A autora, porém, alerta para mal entendidos. Ela deixa claro que a validade preditiva dos padrões de apego de crianças não se aplica necessariamente ao apego a lugares. Em oposição, ela expressa seu desejo para que os pesquisadores interessados no apego ampliem seu escopo de trabalho para incluir a relação com lugares visando um reconhecimento de que o apego seja visto como uma teoria compreensiva. Simultaneamente, ela apela para um maior

diálogo entre os pesquisadores de Psicologia Social e de apego, de modo que seja possível elaborar uma teoria geral que abarque as origens do apego, seu desenvolvimento normal e distorcido, e o papel das primeiras experiências em expressões psicológicas posteriores (Giuliani, 2003).

Ciente disso, é possível começar a explorar a teoria de apego de John Bowlby. O apego pode ser definido da seguinte forma segundo as palavras de Bowlby (1988):

A teoria de apego se refere a propensão a criar laços íntimos e emocionais com indivíduos específicos como um componente básico da natureza humana, já presente em sua forma germinal em recém nascidos e que continua ao longo da vida adulta até a velhice (...) Embora comida e sexo por vezes desempenhem um papel nos relacionamentos de apego, a relação existe por si só e possui uma função chave para a sobrevivência, notadamente a proteção (pp. 120-121).

Entretanto, ao elaborar seu modelo, Bowlby não está preocupado com o sentimento de apego, apesar da importância comumente atribuída a ele, mas sim com o comportamento de apego. Bowlby o define como “qualquer forma de comportamento que resulta no indivíduo alcançar ou manter proximidade a alguma outra pessoa claramente identificada que é vista como mais capaz de lidar com o mundo” (Bowlby, 1988, pp. 26-27). Isso não significa dizer que o autor siga uma linha behaviorista, uma vez que ele reconhece que o comportamento de apego é mediado por um sistema de controle organizado cujas raízes se encontram em processos neurofisiológicos que extraem e interpretam informações do ambiente e permitem que o comportamento seja planejado e executado de acordo

com um propósito (Giuliani, 2003).

Seguindo essa linha, os afetos, sentimentos e emoções podem ser entendidos como “fases de uma avaliação intuitiva do indivíduo, seja ela a respeito dos estados e impulsos para agir de seu próprio organismo ou da sucessão de situações ambientais em que ele se encontra” (Bowlby, 1969, p. 104). Já o que diferencia um comportamento de apego e um vínculo de apego é que o primeiro se refere a diferentes formas de comportamento que uma pessoa executa de tempos em tempos para obter ou manter proximidade a figura protetora, enquanto o segundo se trata de um laço afetivo duradouro em relação a uma pessoa (Giuliani, 2003).

Com isso, o apego pode ser melhor entendido olhando-se para o vínculo afetivo de forma mais ampla. Segundo Ainsworth (1989), o vínculo afetivo pode ser definido como:

um laço relativamente longo em que o parceiro é importante como um indivíduo único e é intercambiável com nenhum outro. Em um vínculo afetivo, há um desejo de manter a proximidade com o parceiro. Em crianças e adultos mais velhos, essa proximidade pode, até certo ponto, ser sustentada ao longo do tempo e distância e durante as ausências, mas, no entanto, há pelo menos um desejo intermitente de restabelecer proximidade e interação, e prazer - muitas vezes alegria - após a reunião. A separação inexplicável tende a provocar angústia e a perda permanente causaria dor (p. 711).

E o que diferencia o apego de um vínculo afetivo genérico? Ter um vínculo de apego não significa simplesmente sentir algum tipo de afeto por algo ou alguém. Na realidade, isso implica em obter um sentimento de bem estar e segurança a partir da pro-

ximidade com uma pessoa ou apenas com sua disponibilidade (Giuliani, 2003).

Assim, o sistema envolvido com o apego pode ser compreendido através de seu oposto, o sistema exploratório. As pessoas em geral são motivadas a manter um equilíbrio entre comportamentos que as levam a manutenção de um sentimento de familiaridade e de uma redução de estresse, e comportamentos que as conduzem a extrair novas informações do ambiente em que se encontra (Giuliani, 2003). Por exemplo, quando uma criança dispõe de uma base segura em que pode confiar, ela se sente livre para se afastar dessa base e explorar ambiente.

Ou seja, a distinção entre apego e outros sistemas afetivos (Bowlby 1969; Ainsworth, 1989) se encontra nas funções que cada um deles satisfaz, como socialização, afiliação, reprodução, proteção, dentre outros. Por outro lado, o que os vínculos afetivos em comum é o papel do objeto com o qual se vincula na medida em que ele seja um objeto único e que por isso não pode ser facilmente substituído por outro, ainda que possam haver um grande número de objetos com os quais o indivíduo possa estar apegado (Giuliani, 2003).

Por sua vez, o desenvolvimento deste vínculo afetivo, o apego, ocorre em função da intensidade e qualidade da interação com um dado objeto (uma pessoa, na teoria de Bowlby) ao qual se dirige o comportamento de apego (Bowlby, 1980). A figura primária de apego é aquela que mais toma cuidado e é mais responsiva às necessidades da criança durante o período de mais sensibilidade a formação de laços. Enquanto que posteriormente outras figuras secundárias geralmente se tornam também objeto de apego (Bowlby, 1969), há indícios de que quanto mais forte e saudável for o apego à figura primária, maior a probabilidade de se formarem apegos secundários (Bowlby, 1969).

O APEGO AO LUGAR NA LITERATURA

O trabalho desenvolvido por Fried (1963) a respeito dos efeitos psicológicos da remoção forçada de uma população do subúrbio de Boston, no contexto de reformar do bairro, é reconhecido como o primeiro estudo a tratar especificamente do vínculo psicológico que pode ser formado com o lugar. No caso investigado, as reformas engendradas tinham como objetivo trazer melhorias para o bairro, elas enfrentaram resistência da população local, uma vez que elas ameaçavam a estrutura familiar e social ali fixadas, isto é, as reformas colocavam em risco aquilo que mantinha a coesão de uma comunidade fortemente unida. Após as reformas os residentes demonstraram lamentaram e apresentaram sintomas de luto, o que indicava, como concluiu Fried (1963), que tais sentimentos podiam ser estendidos para a relação com o lugar. Posteriormente ainda, Fullilove (1996) encontrou resultados semelhantes e pôde concluir que o apego ao lugar é primariamente baseado no afeto.

Entretanto, o conceito de apego ao lugar voltou a atrair atenção apenas mais de uma década após o estudo de Fried, quando, durante a década de 80, o interesse por políticas públicas passou a buscar embasamento teórico em disciplinas como a sociologia da comunidade e a geografia humana (Giuliani, 2003). As ideias e métodos dos geógrafos tiveram uma importante influencia na forma como os psicólogos encaravam os métodos a serem utilizados nas investigações a respeito da relação com o lugar. Os psicólogos ambientais foram encorajados a experimentar alternativas aos métodos quantitativos utilizados e a dar maior foco na experiência individual e a estimular o debate dos efeitos psicológicos da estabilidade de residência (Giuliani, 2003).

Capítulo 10

Assim, enquanto que nos anos 80 o conceito de apego começou a aparecer com mais frequência na literatura ambiental, foi nos anos 90 em que os aspectos afetivos do apego da relação entre indivíduo e lugar se tornaram foco de pesquisas (Giuliani, 2003). Neste processo, a identificação de relações entre características individuais, contexto social e físico e respostas avaliativas e comportamentais ganhou atenção nos estudos relacionados a vínculos afetivos, como consequência da influência da sociologia e da psicologia da comunidade nas pesquisas ambientais (Giuliani, 2003).

Alinhado a esta tendência, Shumaker e Taylor (1983) propuseram um modelo para o apego ao lugar segundo o qual a intensidade do vínculo é determinada pelas: características físicas e sociais do ambiente; necessidades e singularidades dos indivíduos; avaliações a respeito da situação atual do indivíduo quando comparado a alternativa; e possibilidades emocionais de escolher. Para os autores, o apego ao lugar pode ser definido como “um vínculo afetivo positivo ou associação entre indivíduos e seu ambiente de residência” (p. 233).

A formulação de Shumaker e Taylor (1983) apresenta ainda um forte caráter funcional, uma vez que ela deriva do conceito proposto por Stokols e Shumaker (1981) de dependência do lugar. Com isso, a ideia principal do modelo decorre da congruência entre as necessidades do indivíduo e os recursos sociais e físicos oferecidos pelo ambiente, entendendo-se que à medida que o lugar não seja capaz de satisfazer as necessidades de seus habitantes, o apego tende a diminuir.

Por um lado a atenção talvez demasiada ao aspecto funcional do apego na definição de Shumaker e Taylor (1983) pode ser alvo de críticas. Como afirma Giuliani (2003), o que qualifica o apego não é sua valência positiva do afeto, mas sim que ele é percebido como um vínculo, com qualidades duradouras, dirigidas a um objeto es-

pecífico e não facilmente substituído por outro que apresente as mesmas qualidades funcionais. Por outro lado, é preciso reconhecer que muito cedo eles trouxeram em seu modelo as três dimensões do apego, ainda que não identificadas assim, posteriormente elaborada na síntese proposta por de Scannell e Gifford (2010).

O modelo tripartite apresentado por Scannell e Gifford (2010) oferece um avanço em direção a solução de um dos maiores problemas enfrentados pela literatura de apego ao lugar: a imprecisão de sua definição conceitual. Como afirma Giuliani (2003), o apego ao lugar é tratado como um conceito guarda-chuva, abarcando uma multiplicidade de afetos positivos que tem o lugar como objeto. Isso leva ainda há uma grande variedade de definições assim como um grande número de abordagens que tomam diferentes indicadores ou preditores atitudinais e comportamentais para medir a presença e intensidade do vínculo (Giuliani, 2003). O trabalho de Felipe e Kuhnen (2012) ilustra tal falta de precisão ao realizar uma revisão da literatura e agrupar os indicadores usados para medir o apego ao lugar por diferentes autores (Tabela 1).

TABELA 1 – CONCEITOS RELACIONADOS À OCORRÊNCIA DE APEGO AO LUGAR

INDICADORES DE APEGO AO LUGAR	
1. Conforto	13. Preferência
2. Conhecimento do lugar	14. Satisfação de interesses e necessidade
3. Desejo de defender o lugar	15. Segurança
4. Desejo de proximidade e envolvimento	16. Sensação de dependência
5. Dificuldades para substituição do lugar	17. Sentido de lar
6. Felicidade	18. Sentimento de enraizamento
7. Grau de atração	19. Sentimento de identificação
8. Grau de cuidado com o lugar	20. Sentimento de orgulho pelo lugar
9. Grau de influência do lugar sobre os acontecimentos	21. Sentimento de perda e/ou deslocamento pela separação
10. Mobilidade para a interação social	22. Sentimento de pertencimento
11. Percepção de controle e possibilidade de ação	23. Sentimento de propriedade
12. Prazer	

Adaptado de Felipe e Kuhnen (2012)

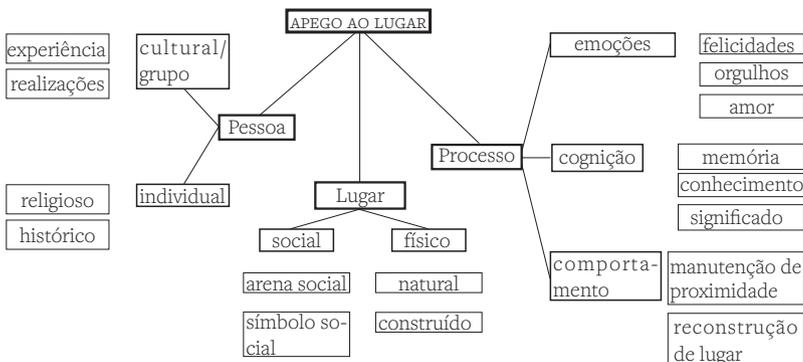
Se o modelo de Scannell e Gifford (2010) não solucionam totalmente os problemas de imprecisão na definição do apego ao lugar ou o fato de este ser um conceito que sofre de esticamento segundo o entendimento de Osigweh (1989), ele apresenta a vantagem de organizar décadas de pesquisa de forma estruturada e compreensível a partir da qual é possível avançar na teoria.

Com isso, a próxima seção apresenta o modelo tripartite de Scannell e Gifford (2010).

O MODELO TRIPARTITE DE APEGO AO LUGAR

De forma sucinta, o modelo de Scannell e Gifford (2010) organiza de forma prática as diversas definições do apego ao lugar presente na literatura estruturando-se em três dimensões (Figura 1). A primeira delas é a da pessoa que auxilia a responder às questões sobre quem está apegado e até que ponto o apego se baseia em significados criados individualmente ou coletivamente. A segunda dimensão é chamada de processo e se refere aos processos psicológicos envolvidos no apego, de modo a expor como processos afetivos, cognitivos e comportamentais se manifestam com o vínculo. A última dimensão se refere ao alvo do apego, o lugar em si, o que inclui características do local e a sua natureza.

FIGURA 1 – MODELO TRIPARTIDO DE APEGO AO LUGAR



Traduzido de Scannell & Gifford (2010)

A DIMENSÃO DA PESSOA

O apego ao lugar pode ocorrer tanto no nível individual quanto no nível coletivo e, embora algumas definições priorizem um nível em detrimento do outro, os dois podem, na realidade, se sobrepor (Scannell & Gifford, 2010). No nível individual, o apego envolve conexões pessoais, por exemplo através de memórias que local evoca, e contribuiu para a manutenção de um sentimento de estabilidade quanto a essência pessoal do indivíduo, ou simplesmente *self* (Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Alinhado a isso, os lugares podem adquirir significado através das experiências marcantes que ocorreram nele, como marcos na história pessoal (Manzo, 2005).

No nível coletivo, o apego se desenvolve por meio de significados compartilhados entre membros de um grupo (Low, 1992), de modo que alguns autores chegaram a propor que o apego deve ser entendido como um processo de comunidade (Fried, 1963;

Gans, 1962; Michelson, 1976). Segundo esses autores, os grupos se apegam a áreas onde eles podem praticar e preservar sua cultura. Porém esta não é a única forma de o grupo desenvolver o apego. Como sugerido por Mazumdar e Mazumdar (2004), o apego pode ser baseado também em crenças religiosas. Diferentes culturas atribuem a lugares específicos o potencial de levar os seguidores de uma religião para mais perto de seus deuses, o que torna tais lugares – sejam cidades inteiras, como Meca e Jerusalém, como também igrejas, templos, cemitérios e capelas – alvo de reverência e proteção que servem de reflexo à fidelidade a uma cultura ou sistema de crenças. Adicionado a isso Low (1992) afirma que: “o apego ao lugar pode ser aplicado a locais místicos que uma pessoa nunca vivenciou, ou pode ser aplicado à propriedade ou à nacionalidade associada a uma terra que simbolicamente codifica sentidos sociopolíticos ou também de experiência pessoal (p. 166)

Isso não exclui ainda a possibilidade de que a conexão religiosa ao lugar possa ser também individual (Mazumdar & Mazumdar, 2004). Uma única pessoa pode associar um lugar sentidos espirituais por meio de suas próprias experiências, como uma epifania, revelação ou conversão, indicando que os níveis coletivos e individuais do apego ao lugar não são completamente independentes.

A DIMENSÃO DE PROCESSO PSICOLÓGICO

A segunda dimensão do apego ao lugar, como estruturada por Scannell e Gifford (2010), esclarece a natureza da interação psicológica envolvida no laço formado por indivíduos e grupos com um espaço. Scannell e Gifford (2010) sugerem que o conceito de sentimento de lugar (*sense of place*) pode ser entendido como os três processos psicológicos descritos aqui, nomeadamente os pro-

cessos afetivos, cognitivos e comportamentais. Eles ressaltam ainda que as definições de alguns autores incluem os três processos, enquanto outras ressaltam apenas um ou dois deles.

Primeiramente, como já apontado aqui e também por diferentes autores (Cuba & Hummon, 1993; Fullilove, 1996; Hidalgo & Hernández, 2001; Manzo, 2003, 2005; Mesch & Manor, 1998; Riley, 1992), o vínculo entre o indivíduo e o lugar abrange uma conexão emocional a um local específico. O conceito de topofilia, ou amor ao lugar, cunhado por Yi Fu Tuan (1974), por exemplo, ilustra como a geografia humana descreve o pertencimento a um lugar em termos emocionais, enquanto Relph (1976) define o apego ao lugar como um vínculo autêntico e emocional que o indivíduo estabelece com um ambiente e que satisfaz uma necessidade humana fundamental. Tais asserções encontram reflexos entre os psicólogos ambientais, que defendem o papel central do afeto no vínculo, de forma que definições como a de Hummon (1992), que estabelece que o vínculo é um investimento emocional da pessoa com o lugar, ou de Brown et al. (2003), que traz o sentimento de orgulho e bem estar associado ao vínculo, apresentam o apego com foco nas emoções. Os trabalhos de Fried (1963) e Fullilove (1996), que investigam os efeitos da remoção forçada de um lugar causada por desastres naturais, guerras, migração ou realocação, oferecem evidência adicional ao substrato afetivo do apego.

Vale ressaltar que, apesar de a relação com o lugar poder fazer emergir sentimentos negativos como medo, ódio e aversão derivados por vezes de experiências traumáticas ocorridas nele (Manzo, 2005), o apego geralmente é definido como um sentimento positivo. Como afirma Giuliani (2003), o desejo de manter uma proximidade a um local específico pode ser traduzido como uma tentativa de vivenciar emoções positivas que ele é capaz de evocar.

O segundo processo psicológico implicado no apego ao lugar é a cognição. Como afirmam Scannell e Gifford (2010), um espaço pode se tornar significativo para um indivíduo através da associação mental entre esse espaço e memórias, conhecimento, crenças e significados. Assim, o indivíduo cria cognitivamente significados do lugar que o aproximam dele. Por exemplo, através da memória o indivíduo conecta a si mesmo com o lugar e, como apontado por diversos autores, o apego pode se desenvolver justamente com aqueles lugares onde eventos ou períodos memoráveis ocorreram (Hay, 1998; Hunter, 1974; Manzo, 2005; Rubenstein & Parmelee, 1992; Twigger-Ross & Uzzell, 1996).

Diferentes abordagens descreveram o apego através de seu componente psicológico: Fullilove (1996) aponta a familiaridade como um elemento do apego, para ela ser apegado é conhecer e organizar os detalhes de um ambiente; já Feldman (1990) defende que as pessoas se apegam a determinadas categorias de lugares, como subúrbios, parques e sítios; como mencionado anteriormente também, Stokols e Shumaker (1981) veem o apego como dependência ao lugar. Para todas essas abordagens, a informação sobre as características de um espaço tem um papel central para o desenvolvimento do apego ao lugar (Scannell & Gifford, 2010).

A identidade de lugar, que descreve “a socialização do mundo físico do indivíduo” (Proshansky et al., 1983. p. 57) ou as auto definições derivadas da relação com o lugar, também está ligado à cognição individual. Através dela uma pessoa traça similaridades entre si mesma e o lugar, isto é, incorpora informações e características relevantes atribuídas ao lugar – sejam memórias, pensamento, valores ou categorizações – a sua própria auto definição. Deste modo, a conexão formada pelo indivíduo com o lugar torna este uma representação de si mesmos (Scannell & Gifford, 2010).

Nas palavras de Belk (1992, p. 38): “estar apegado a alguns dos nossos meios é fazer deles parte do nosso eu estendido”.

A última subdimensão dos processos psicológicos implicados no apego ao lugar é o comportamento, em que o vínculo é expresso através da ação. Aqui, assim como no apego interpessoal descrito anteriormente, o apego ao lugar é representado principalmente pelo comportamento de manutenção de proximidade ou, como definem Hidalgo & Hernández (2001, p. 274), o apego ao lugar pode ser entendido como “um vínculo afetivo positivo entre um indivíduo e um lugar específico, cuja característica principal é a manutenção de proximidade com tal lugar”.

Definições como essa encontram suporte em estudos que relacionam o comportamento de manutenção de proximidade a tempo de residência e a busca por retornar ao lugar (Hay, 1998; Kasarda & Janowitz, 1974). Se por um lado tais resultados são importantes, por outro é preciso ressaltar, como faz Giuliani (2003), que os poucos estudos longitudinais realizados sobre o assunto não provam uma relação causal bem estabelecida entre o vínculo e os comportamentos apontados.

É interessante notar ainda que, apesar de o apego ao lugar ser visto sobre prismas positivos, ele pode se tornar disfuncional quando um indivíduo com um vínculo ao lar muito rígido se recusa a deixá-lo (Fried, 2000). Isso pode expô-lo a riscos quando o lugar não é mais seguro ou até mesmo privá-lo de oportunidades para o seu desenvolvimento pessoal. Além disso, o processo dialético de estar ora próximo ora distante de casa tem um papel no desenvolvimento do significado do lugar, como sugerem Case (1996) e Dovey (1985). Através desta alternância entre viagens a lugares distantes e a manutenção de proximidade ao lugar foco do apego, o sujeito se torna mais capaz de apreciar e entender aspectos rotineiros do lugar (Case, 1996).

O comportamento de reconstrução do lugar também é encontrado na literatura como uma expressão do apego em locais que passaram por desastres e eventos que causaram sua destruição. Um caso interessante é descrito por Francaviglia (1978) em que, após um desastre que causou a destruição de uma cidade no estado de Ohio, nos Estados Unidos, os responsáveis pelo seu planejamento urbano buscaram retificar problemas que precediam ao desastre, mas encontraram resistência da população local. Os residentes e trabalhadores da cidade impuseram modificações no plano de reconstrução da cidade de modo que ela permaneceu muito semelhante antes e depois do desastre, o que aponta para uma prioridade em reconstruir a familiaridade com o lugar do que resolver seus problemas. O ato de recriar um local aparecem ainda quando indivíduos que foram levados a se mudar contra sua vontade buscam preservar o vínculo optando por se alocarem em lugares similares ao que tiveram que deixar (Scannell & Gifford, 2010).

A DIMENSÃO DE LUGAR

A última dimensão do apego ao lugar é tratada na literatura de modo a distinguir suas duas bases: a social e a física. Segundo Riger e Lavrakas (1981) o apego de caráter social consiste no sentimento de pertencimento a um bairro e familiaridade com as crianças e residentes de lá, ou seja, um vínculo construído com base no contexto social de um lugar. Já o caráter físico do apego, os autores acrescentam, pode ser entendido como “enraizamento” e é influenciado pelo tempo de residência, pela propriedade e pelos planos de permanecer no lugar.

O lugar, enquanto dimensão do apego ao lugar, foi estudada em diferentes escalas geográficas, como casa, bairro e cidade.

Por exemplo, Hidalgo e Hernández (2001) mediram os níveis social e físico do apego ao lugar nas três escalas mencionadas e encontraram que o apego de fato variava de acordo com a escala, sendo a cidade o objeto mais forte de apego. Os pesquisadores reportaram ainda que a base social do apego é mais forte do que a física, porém eles ressaltam que ambas têm influência na intensidade geral do laço e por isso ambas devem ser consideradas ao medir o apego ao lugar.

De qualquer forma, a maior parte dos estudos sobre apego ao lugar foca exclusivamente em aspectos sociais. Sociólogos urbanos defendem a existência única da base social do apego (Hunter, 1974; Kasarda & Janowitz, 1974) e por isso é comparada ao sentimento psicológico de comunidade (McMillan & Chavis, 1986). A comunidade pode ser definida como: “um complexo sistema de redes de amizade e parentesco e laços de associação formais e informais enraizados na vida familiar e no processo de socialização contínua” (Kasarda & Janowitz, 1974, p. 329). Numa perspectiva mais restritiva, pesquisadores interessados no apego à comunidade, como Woldoff (2002), sugerem que o apego ao lugar significa o apego àqueles que lá vivem e às interações sociais que lá ocorrem. Assim, segundo essa perspectiva, as pessoas são apegadas a lugares que facilitem as relações sociais e identidades grupais (Scannell & Gifford, 2010).

No entanto, o apego pode se desenvolver com base nas características físicas do lugar e o conceito de dependência ao lugar (Stokols & Shumaker, 1981) aponta justamente isso, uma vez que ele descreve como as amenidade e recursos do ambiente podem auxiliar busca por objetivos do sujeito. Adicionado a isso, lugares como casa, ruas, construções, lagos e montanhas podem se tornar significativos para as pessoas (Manzo, 2003, 2005). Além disso, o conceito traçado por Clayton (2003) de identidade ambiental

aponta para o fato de que a natureza pode ser inclusa na definição pessoal do indivíduo.

Por fim, o modelo de apego ao lugar proposto por Stedman (2003) ajuda a compreender como aspectos físicos do lugar podem originar o apego. Segundo o modelo, as pessoas não se tornam apegadas diretamente à característica física do lugar, mas sim aos significados que tais características implicam.

CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo apresentar um panorama sobre as pesquisas sobre apego ao lugar desde o estudo seminal de Fried (1963). É possível verificar uma grande complexidade nas pesquisas a respeito do conceito devido ao grande número de definições, abordagens e conceitos relacionados. Se por um lado tal diversidade é enriquecedora, ela faz com que se torne difícil agregar o conhecimento acumulado sobre o assunto e torna o apego um conceito esticado (Osigweh, 1989), uma ameaça a validade de seus estudos.

Finalmente, como afirmam Scannell e Gifford (2010), a grande complexidade do vínculo de apego sugere que são muitas as forças unem o indivíduo com os lugares, alguns são mais fortes e relevantes, enquanto outros possuem uma relação tão próxima que se tornam difíceis de serem distinguidos e poucos são aqueles visíveis ao observador externo. A rede de relações que descreve a natureza da relação com os lugares se torna assim única para cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

- AINSWORTH, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American psychologist*, 44(4), 709.
- BELK, R. W. (1992). Attachment to Possessions, in I. Altman and S. M. Low (eds), *Place Attachment*, Plenum Press, New York, pp. 37-62.
- BOWLBY, J. (1969). *Attachment and Loss. Vol. 1: Attachment*. The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, London.
- BOWLBY, J. (1980). *Attachment and Loss. Vol. 3: Loss: Sadness and Depression*. The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, London.
- BOWLBY, J. (1988). *A Secure Base*. Routledge, London.
- BROWN, B., PERKINS, D. D., & BROWN, G. (2003). Place attachment in a revitalizing neighborhood: individual and block levels of analysis. *Journal of Environmental Psychology*, 23, 259-271.
- CASE, D. (1996). Contributions of journeys away to the definition of home: an empirical study of a dialectical process. *Journal of Environmental Psychology*, 16, 1-15.
- CLAYTON, S. (2003). Environmental identity: conceptual and operational definition. In S. Clayton, & S. Opatow (eds.), *Identity and the natural environment: The psychological significance of nature* (pp. 45-65). Cambridge, MA: MIT Press.
- CUBA, L., & HUMMON, D. M. (1993). A place to call home: identification with dwelling, community, and region. *Sociological Quarterly*, 34, 111-131
- DOVEY, K. (1985). Home and homeless. In I. Altman, & C. M. Werner (eds.), *Home environments* (pp. 33-64). New York: Plenum Press.
- Feldman, R. M. (1990). Settlement identity: psychological bonds with home places in a mobile society. *Environment and Behavior*, 22, 183-229.

FELIPPE, M. L., & KUHNEN, A. (2012). O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 609–617.

FRANCAVIGLIA, R. V. (1978). Xenia rebuilds: effects of pre-disaster conditioning on post-disaster redevelopment. *Journal of the American Institute of Planners*, 44, 13–24.

FRIED, M. (1963). Grieving for a lost home. In L. J. Duhl (Ed.), *The urban condition: People and policy in the metropolis* (pp. 124–152). New York: Simon & Schuster.

FULLILOVE, M. T. (1996). Psychiatric implications of displacement: contributions from the psychology of place. *American Journal of Psychiatry*, 153, 1516–1523.

GANS, H. (1962). *The urban villagers: Group and class in the life of Italian-Americans*. New York: Free Press of Glencoe.

GIFFORD, R. (2014). Environmental psychology matters. *Annual Review of Psychology*, 65, 541–79.

GIULIANI, M. V. (2003). Theory of attachment and place attachment. In M. Bonnes, T. Lee, & Bonaiuto, M. (Eds.), *Psychological theories for environmental issues* (cap. 05, pp. 137–170). Aldershot: Ashgate.

HAY, R. (1998). Sense of place in developmental context. *Journal of Environmental Psychology*, 18, 5–29

HIDALGO, M. C., & HERNÁNDEZ, B. (2001). Place attachment: conceptual and empirical questions. *Journal of Environmental Psychology*, 21, 273–281.

HUMMON, D. M. (1992). *Community attachment: local sentiment and sense of place*. In I. Altman, & S. M. Low (Eds.), *Place attachment* (pp. 253–278). New York: Plenum Press.

HUNTER, A. (1974). *Symbolic communities*. Chicago: University of Chicago Press.

Capítulo 10

LOW, S. M. (1992). Symbolic ties that bind. In I. Altman, & S. M. Low (Eds.), *Place attachment* (pp. 165–185). New York: Plenum Press.

LOW, S. M., & ALTMAN, I. (1992). Place attachment: a conceptual inquiry. In I. Altman, & S. M. Low (Eds.), *Place attachment* (pp. 1–12). New York: Plenum Press.

KASARDA, J. D., & JANOWITZ, M. (1974). Community attachment in mass society. *American Sociological Review*, 39, 328–339.

MANZO, L. C. (2003). Beyond house and haven: toward a revisioning of emotional relationships with places. *Journal of Environmental Psychology*, 23, 47–61.

MANZO, L. C. (2005). For better or worse: exploring multiple dimensions of place meaning. *Journal of Environmental Psychology*, 25, 67–86.

MAZUMDAR, S., & MAZUMDAR, S. (2004). Religion and place attachment: a study of sacred places. *Journal of Environmental Psychology*, 24, 385–397.

MCMILLAN, D. W., & CHAVIS, D. M. (1986). Sense of community: a definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14, 6–23.

MESCH, G. S., & MANOR, O. (1998). Social ties, environmental perception, and local attachment. *Environment and Behavior*, 30, 227–245

MICHELSON, W. (1976). *Man and his urban environment: A sociological approach, with revisions*. Reading, MA: Addison-Wesley.

OSIGWEH, C. A. B. (1989). Concept fallibility in organizational science. *Academy of Management Review*, 14, 579–594.

PROSHANSKY, H. M., FABIAN, A. K., & KAMINOFF, R. (1983). Place-identity. *Journal of Environmental Psychology*, 3, 57–83.

RELPH, E. (1976). *Place and placelessness*. London: Pion Limited.

RIGER, S., & LAVRAKAS, P. J. (1981). Community ties: patterns of attachment and social interaction

in urban neighborhoods.
American Journal of Community Psychology, 9, 55–66

RILEY, R. B. (1992). Attachment to the ordinary landscape. In I. Altman, & S. M. Low (Eds.), *Place attachment* (pp. 13–35). New York: Plenum

RUBENSTEIN, R. L., & PARMELEE, P. A. (1992). Attachment to place and the representation of the life course by the elderly. In I. Altman, & S. M. Low (Eds.), *Place attachment* (pp. 139–163). New York: Plenum

SANDERS, S., BOWIE, S. L., & BOWIE, Y. D. (2003). Lessons learned on forced relocation of older adults: the impact of hurricane Andrew on health, mental health, and social support of public housing residents. *Journal of Gerontological Social Work*, 40, 23–35.

SCANNELL, L., & GIFFORD, R. (2010). Defining place attachment: A tripartite organizing framework. *Journal of Environmental Psychology*, 30(1), 1–10.

SENNETT, R. 2000. New capitalism, new isolation: A flexible city of strangers. *Le Monde Diplomatique*.

SHUMAKER, S. A., & TAYLOR, R. B. (1983). Toward a clarification of people place relationships: a model of attachment to place. In N. R. Feimer, & E. S. Geller (Eds.), *Environmental psychology: Directions and perspectives* (pp. 219–251). New York: Praeger.

STEDMAN, R. (2002). Toward a social psychology of place. *Environment and Behavior*, 34, 561–581.

STOKOLS, D., & SHUMAKER, S. A. (1981). People in places: a transactional view of settings. In J. Harvey (Ed.), *Cognition, social behavior, and the environment* (pp. 441–488). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

TUAN, Y. (1974). *Topophilia: A study of environmental perception, attitudes, and values*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall.

Capítulo 10

TWIGGER-ROSS, C. L., &
UZZELL, D. L. (1996). Place and
identity processes. *Journal of
Environmental Psychology*, 16,
205-220.

WOLDOFF, R. A. (2002). The effects
of local stressors on neighborhood
attachment. *Social Forces*, 81,
87-116.

Capítulo 10

Apego ao lugar: panorama de pesquisa e papel na
Psicologia Social
Rafael dos Santos Aquino

